

CRAVOS A CONTRACORRENTE

MARIA DE LOURDES PEREIRA
Universitat de les Illes Balears

RESUMO: Apresenta-se aqui uma seleção de textos do primeiro volume dos diários de Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente I* (1980), os quais dão conta das suas vivências em torno da revolução, entre 1973 e 1976, e revelam a evolução dos acontecimentos depois dos primeiros dias de entusiasmo.

PALAVRAS CHAVE: 25 de abril; Revolução dos Cravos; Vergílio Ferreira.

CLAVELLS A CONTRACORRENT

RESUM: Es presenta una selecció de textos del primer volum dels diaris de Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente I* (1980), entre 1973 i 1976, que mostren les seves reflexions al voltant de la revolució i els esdeveniments que succeeixen després dels primers dies d'entusiasme.

PARAULES clau: 25 d'abril a Portugal; Revolució dels Clavells; Vergílio Ferreira.

CARNATIONS IN COUNTERCURRENT

ABSTRACT: The author presents here a selection of texts from the first volume of Vergílio Ferreira's diaries, *Conta-Corrente I* (1980), which tell of his experience in the days surrounding the revolution, between 1973 and 1976, and show the evolution after the first days of enthusiasm.

KEYWORDS: 25 April in Portugal; Carnation Revolution; Vergílio Ferreira.

Vergílio Ferreira (Gouveia, Melo, 28 de janeiro de 1916 - Lisboa, 1 de março de 1996) deixou-nos como legado uma obra que muito tem contribuído para a riqueza da literatura portuguesa, não só num contexto nacional, mas também internacional, e sobretudo peninsular. Na sua obra, o saber literário do escritor alia-se à lucidez do pensador, e particularmente do indivíduo que soube assumir o seu lugar no período que lhe coube viver, e isso leva-nos a (re)ler os seus textos, literários ou não, com um interesse redobrado.

Quando se celebram os 50 anos da revolução de abril de 1974, torna-se imperativo recuperar os testemunhos directos de um autor que viveu e construiu um tempo fulcral para a exuberância de Portugal, sendo nesse sentido que lemos o volume I de *Conta-Corrente*, centrando-nos nos anos que circundam o decisivo 25 de abril de 1974.

Recuperando a lição de Alexandre Herculano, assumimos cada vez mais que a história deve ser tomada como documento, e não como monumento,

sendo nesse sentido que nos aproximamos dos apontamentos (já) históricos que Vergílio Ferreira foi registando em *Conta-Corrente*. Uma obra de tom diarístico em que, sem cumprir um registo regular, a anotação cronológica e em primeira pessoa outorga à obra uma relevância ímpar. A loquacidade do registo das notas e divagações permite-nos criar uma proximidade com o homem que o escritor muitas vezes protegeu. Para levar a cabo esta breve seleção de textos, foi nosso intuito recuperar a voz do escritor e do pensador, mas seguindo atentamente a voz de um cidadão que, embora nos surja como espectador dos acontecimentos, não abdica de uma atitude de compromisso para com a história de um país novo que se começa a construir. Professor, além de escritor, chefe de família e cidadão lúcido, Vergílio Ferreira acaba por traçar o retrato fiel de um país que assiste, embora maravilhado, confuso e confundido aos acontecimentos que se vão sucedendo.

Nesse sentido, e sem desvalorizar a leitura das dezenas de páginas que aqui obviamos, nesta breve seleção torna-se evidente que o regime entra num novo estádio com a chegada de Marcelo Caetano ao poder em 1968, ampliando um descontentamento generalizado, mas sem a previsão concreta da chegada dessa revolução. A vida segue o seu caminho, num cenário em que as forças antagónicas se desenvolvem, até chegar essa manhã de quinta-feira em que o país desperta com a notícia da chegada da democracia. O que se segue a essa madrugada de abril é um sucessivo caminho de, por um lado, alegria e esperança, mas também de incerteza e até mesmo de temores quanto à chegada de um novo tipo de ditadura. O cidadão Vergílio Ferreira, acompanhado pelo pensador e pelo activista, embora com as suas dúvidas e hesitações políticas, afasta-se abertamente de posturas dogmáticas em que um Partido Comunista, marcado pelos preceitos das escolas marxistas e leninistas, se lhe afigura como uma ameaça não menos séria que a da direita fascista. Apesar dos tempos, e até de algum receio manifesto quanto à liberdade de expressão, é bem notória a sua audácia ao não mascarar a sua opinião e a sua filiação cultural e literária, pelo que estes textos nos permitem um exercício de (re)configuração do panorama socio-cultural de Portugal neste momento.

Por último, e sem querer moldar as possíveis leituras destes fragmentos que, como tal, acentuam ainda mais a precariedade da nossa análise, não podemos deixar de apontar a constante preocupação do professor, enquanto agente responsável, com relação à evolução que o ensino em Portugal está a sofrer, com uma desvalorização constante do papel do docente, mas também da *desimportância* de que estão a ser alvo certas matérias por parte dos alunos,

que parecem confundidos quanto ao que suporia a vigência da democracia e do progresso democrático.

Obviamente, vive-se um tempo de euforia que a ditadura alimentou durante quase meio século, pelo que o confronto social, político e geracional torna-se inevitável. Além do mais, esse tom lírico-festivo com que a ditadura é demitida em Portugal não pode ter um final cinéfilo, em que tudo fica resolvido em duas cenas finais. Bem pelo contrário, os anos que se seguiram foram focos de conflitos sérios. O desgoverno traz a incerteza política, económica e social, com as consequentes greves e manifestações e, até conspirações e golpes militares. Até 1976 viveram-se em Portugal, sobretudo na capital, tempos convulsos, mas que têm um alcance que ultrapassa uma geografia nacional. Uma das medidas mais imediatas que foram tomadas após a caída do Estado Novo foi a descolonização, e nestes textos essa realidade histórica assume um certo protagonismo. Não só pela situação política, com a questão do colonialismo a ser já um tema candente, mas também pela referência, mais implícita que explícita, aos refugiados — também designados como retornados — que a descolonização trouxe para Portugal.

Sem que se pretenda ser exaustivo, esta pequena recolha antológica dá bem conta de como o século xx português acabaria por ficar marcado por um regime que deixaria raízes profundas no nosso devir histórico e social, bastante difíceis de corrigir num subsolo árido e bastante castigado pelos passos de uma ditadura não declarada, mas sentida. Hoje, 50 anos depois, a democracia pede-nos que recuperemos estes textos como testemunhos de vida e, principalmente, que empreendamos o esforço de os contextualizar num tempo histórico, antes de os julgarmos, porque só assim, no presente que nos cabe viver, poderemos cuidar do futuro que teremos de legar.

1973

15 DE MARÇO (QUINTA)

[...] Bombas em Lisboa há dias. Eleições em França ganhas pelas direitas, contra as previsões (excepto de alguns, eu entre eles). Eleições no Chile — ganhou Allende, ainda bem. Eleições na Argentina — ganharam os peronistas não entendo bem porquê. Mas tudo o que aconteceu, só me aconteceu o que me acontece há já alguns anos. Havia um tormento outrora que era o de amar-

rar um homem a vários cavalos que a forças opostas o esquartejavam. Sei o que isso é. Bom. E, todavia, só a imaginação é nisto culpada. Mas curarmo-nos com a realidade é dar-mo-nos à realidade que sabemos seria má. Portanto, aguentar. Entretanto — curioso — sou quase «sexagenário» [...].

14 DE MAIO (SEGUNDA)

Ah, viver-se exilado no seu país. De um lado o fascismo, do outro o comunismo, ou seja, outro fascismo. São iguais entre si com mudança de sinal — de rótulo. Uma reflexão a fazer: antes de sermos o que quisermos em política, somos os pacóvios que a tudo confere pacovice. É-se entre nós fascista, comunista, democrático, mas antes disso é-se português, ou seja, pascácio. O resto que se segue já não interessa à conversa.

1974

3 DE MARÇO (DOMINGO)

[...] Gostaria de falar do caos por que passamos. Leio no anúncio do novo livro do Namora que o seu tema é o «fim de uma civilização». Assim a notícia disso chegou já ao neo-realismo. Apareceu há dias um livro de Spínola declarando impossível a vitória militar na guerra ultramarina.¹ Diz-se que o Marcelo é conivente. Palma-Ferreira garante inflamado que não. Alguém do grupo condena o livro, a sua inoportunidade. Que só depois de preparados economicamente. Porrada brava dos outros. Só depois de preparados? Talvez. Mas acaso o capitalismo fascista esteve alguma vez preparado para o interesse público? O caos. Como tentar escrever? Terminei o romance, leio o dactilografado. Com um pouco de tempero, é comestível. Valerá a pena? Perdi (definitivamente) o «clima» emocional em que me nasciam os romances? Difícil escrever seja o que for.

18 DE MARÇO (SEGUNDA)

O livro de Spínola alastrou numa revolta militar frustrada. O livro? Há um clima de inquietação, um cansaço do provisório em que vivemos. O difícil da

¹ Faz-se referência ao livro *Portugal e o Futuro*, de autoria do General Spínola, publicado em fevereiro de 1974.

questão é que solução alguma se nos impõe como boa. Há que escolher a menos má. Qual? A África é dos pretos que «exploramos» há quinhentos anos. «Exploramos?» Só? Mas como aguentar o embate da separação? O recurso seria retroactivo: termo-nos preparado para isso. Mas Salazar, como certos bichos, o que segregou foi pedra. Dizem-me: o Marcelo quer aguentar a guerra até estarmos preparados. Mas o desgaste não vai mais depressa do que a preparação? Tentamos acumular de um lado, enquanto gastamos do outro. Qual o saldo? Entretanto, ainda se recorre à retórica imperial. «Deus manda combater, não vencer», diz Marcelo. Mas Deus manda o que lhe mandamos mandar. Deus de paz, Deus carniceiro, Deus celeste ou terreno. O Deus de Marcelo não é muito inteligente. Ou estará simplesmente enrascado, sem saber o que fazer.

25 DE ABRIL (QUINTA)

Às sete da manhã, um amigo telefona-me: «Ouça o rádio». Ouço sem entender: rebentou a Revolução. A Revolução? Que Revolução? Por fim lá vou compreendendo. Toda a manhã a rádio nos vai esclarecendo com notícias. Passámos o dia à escuta. Será possível?

26 DE ABRIL (SEXTA)

Vitória. Embrulha-se-me o pensar. Não sei o que dizer. Uma emoção violentíssima. Como é possível? Quase cinquenta anos de fascismo, a vida inteira deformada pelo medo. A Polícia. A Censura. Vai acabar a guerra. Vai acabar a PIDE. Tudo isto é fantástico. Vou serenar para reflectir. Tudo isto é excessivo para a minha capacidade de pensar e sentir.

10 DE MAIO (SEXTA)

Seria útil dar o balanço de quinze dias de revolução. Mas tudo se mantém ainda confuso. No entanto, alguma coisa se vai esclarecendo: de um lado, a ideia de que a revolução é para o interesse de cada um de nós, singularizado no esquecimento dos outros; do outro lado, a visível manifestação a todos os níveis, de núcleos comunistas. Seria uma revolução PC? Greves. Já começaram. Que se não propaguem em epidemia e gerem o caos. Para onde vamos? Por sobre tudo, uma certeza: os militares continuam de armas aperradas.

Hoje no liceu correu um manifesto dos meninos. Curioso: o professor foi (um)a grande vítima do fascismo. Mas é sobre ele que incide a exacerbação dos moços. No fundo, o seu programa inconfessável é simples: não estudar, passar o ano e ter o professor às ordens como têm em casa as sopeiras. Exigir

dos professores boas notas, muito saber, como à criada exigem lhes traga o café ou o penico. E é isto. Com fascismo ou sem ele, o professor continua a ser o escravo que sempre foi.

Logo há uma reunião de intelectuais com militares para a redacção de um programa de cultura. Lá irei. Lá fui, aliás, anteontem, para a classificação etária dos espectáculos. Mas a cultura programa-se? Discute-se? Tem que ver com a praça pública excepto como consequência? Cultura é um acto de silêncio. E como se palra hoje. Mas o que muito se palrou é sempre o que pouco se há-de ouvir. Toda a Revolução Francesa cabe num breve poema lírico.

22 DE MAIO (QUARTA)

Quase como que por obrigação, escrevo. Na realidade, só há tempo para ler os jornais, ouvir as notícias da Rádio e TV. Viver passivamente, aberto ao que vai acontecendo, sem a energia ou capacidade para nos sobrepormos a isso e reflectirmos. Em todo o caso, a excitação vai acalmando. Como nunca, é hoje possível condicionar a opinião pública através sobretudo da TV. Assim se vai estabelecendo aí ou daí um equilíbrio entre a reivindicação desenfreada e estúpida e a reflexão sobre a precária economia nacional. Todo o futuro da revolução depende desse equilíbrio. Mas pergunto-me até onde as massas o aceitarão. De momento o PC age favoravelmente sobre os trabalhadores, frisando-lhes que as reivindicações desordenadas favorecem o caos e a reacção. Entretanto os extremistas replicam que a moderação (condicionamento de greves, de reivindicações, etc.) é que favorece a reacção, o capitalismo e aí o «reformismo» do mesmo PC. Mas para já, o grave problema da guerra colonial. Os brancos de Moçambique (duzentos mil contra oito milhões de negros) agitam-se sob a influência do exemplo racista da Rodésia e África do Sul. Muitos deles (e de Angola) regressam à Metrópole. Que trazem eles, além das necessidades de instalação? Por cá, a escalada do PC a todos os níveis, nomeadamente na Imprensa, na Rádio e na TV. Mas poucos comunistas (excepto os declarados no anterior regime) declaram abertamente a sua simpatia política. Como no fascismo. Assim a sua acção é mais eficaz.

18 DE JUNHO (TERÇA)

Agora que há tanto que dizer, nada me apetece dizer. Talvez por isso, por haver muito. A confusão mantém-se nesse muito. Greves, interrupção das conversações de paz, dissidências governativas, conflito entre a JSN e o MFA que se tenta neutralizar, a mexida na TV, crise das pequenas e médias empre-

sas, e um *falatar* interminável em comícios, assembleias, manifestações de norte a sul do País. A vaga de greves não pára. E quando parar a última, começará a primeira porque as suas «reivindicações» já estarão ultrapassadas. Escrevi há dias o meu primeiro artigo político.

27 DE JULHO (SÁBADO)

[...] Ao meio-dia o Presidente da República declarou formalmente a independência da Guiné, Angola e Moçambique. No dia em que pela quarta vez se comemorava a morte de Salazar [...]. Ao impacte da notícia, ficámos todos suspensos. Misto de alegria, de alívio e de interrogação ao futuro. E de um indizível saudosismo de uma história «imperial» vinda dos bancos da escola, das armas e barões assinalados que vêm desde Camões até Fernando Pessoa. Quinhentos anos de senhorialismo pesam em qualquer aritmética.

5 DE AGOSTO (SEGUNDA)

Como é possível não viver em democracia, todos de mãos dadas e o capital a meter-se também na roda? Assim. Todo o entusiasmo dos primeiros dias — do primeiro mês — nos começa a parecer infantil. Mas ele foi talvez necessário, inevitável. Não se é adulto sem ser criança [...].

16 DE AGOSTO (SEXTA)

Nos jornais, a notícia de tiroteio no Rossio por causa de um comício (proibido) de apoio ao MPLA. Um morto. Vários feridos. Protesto de vários partidos. Há dias os «pides» rebelaram-se na Penitenciária. A Polícia não reagiu. A «reacção» o poder? Ou simplesmente a ambiguidade da escalada do PC cujo progressismo se deseja e teme? Deseja? Quem? As pessoas esquecem-se (os propagandistas esquecem-se) de que antes de pregarem a sua «redenção», têm de pregar a *validade dela*. É o que está acontecendo com os grupos de jovens que se espalharam pelos recantos do País a levar a alfabetização.

10 DE SETEMBRO (TERÇA)

Hoje, ao meio-dia, foi reconhecida formalmente a independência da Guiné. Vi pela TV. Emocionei-me? Um pouco. Ver partir um filho que vai fundar o seu «lar». Um misto de orgulho e de pena. E como aos filhos que vão começar a ser homens, e estão um pouco embaraçados com isso, nós prometemos-lhe ajuda. Foi talvez o mais belo para mim essa ajuda prometida, essa extensão do nosso afecto até àquilo que nos nega.

29 DE OUTUBRO (TERÇA)

Vivemos em «liberdade». Mas começa-se a respirar mal. Imprensa nas mãos dos comunistas. Extinção das «Páginas Literárias». Livrarias, só com livros políticos. Era tal a fome deles que deu diarreia. TV política e de inspiração comunista. Um certo receio já de se comentar a coisa. Editoras a fecharem. A arte começa a ser suspeita ou menosprezada. Ascensão dos medíocres. Solidão.

8 DE NOVEMBRO (SEXTA)

Tivemos reunião há dias na sede do Partido Socialista. Disse que não estava filiado, porque nisto de partidos entendo que o intelectual deve ser um «vadio», um «franco-atirador». Mas que sou, pois que diabo hei-de ser? Um socialista. Isto, para ir sendo alguma coisa, antes de sê-lo com conhecimento prático, desde a cútis ao tutano.

16 DE DEZEMBRO (SEGUNDA)

Cruzamento rápido com o Mário Soares durante o Congresso. Diz-me meio irónico: «A democracia dá muito trabalho. Para comodidade, a ditadura». Eu sorri, a dizer que sim, mas não sei até onde. O regime ideal: a ditadura de um homem perfeito, de um «déspota» bem «iluminado»? Mas seria possível uma ditadura perfeita sobre homens imperfeitos? A nossa perfeição depende da dos outros. Mas se tudo fosse perfeito, como haver perfeição? E que significaria a ditadura?

1975

1 DE MARÇO (SÁBADO)

Ontem colaborei numa sessão do PS em Benfica. Sessão de «textos revolucionários...». Li o que registo no dia 8/11/74 sobre a «liberdade». Comentário da Natália (que fez uma excelente exibição): «Você, que parece tão discreto (ou calmo, ou “delicado”), saiu-se com um tom agressivo, tremendo». Ou coisa assim. Bom: e não «arrei». No entanto, o incitamento a sermos nós pode implicar a anarquia — aliás, o único regime racional. Mas a utopia disso tem de condicionar-se pelo que não é utópico. Quanto ao meu tom (que impressionou...), não era meu mas da assembleia e das exigências da razão de ela ali estar. Porque nestas reuniões não se procura bem um esclarecimento mas um aquecimento. Não há que meter ideias, há é que meter lenha.

27 DE ABRIL (DOMINGO)

Dia 25 houve eleições. Noventa por cento do País foi às urnas. Só dez por cento votou em branco, ou seja o que os tropas aconselhavam para demonstrarem, como Salazar, a nossa incapacidade política. Mas o povo sabia o que queria. E disse-o. Vagas de gente à porta das assembleias. Duas horas em pé e à espera, foi a minha razão. Notabilidades na minha bicha, o Rosa Coutinho. Mas também, tive um jornalista a questionar-me... Resultado: vitória dos socialistas, ou seja, do slogan «socialismo sim, ditadura não». Somos um país pacífico, vagamente preguiçoso, chateia-nos uma ordem de caserna como a que nos imporia o comunismo.

7 DE MAIO (QUARTA)

Deteriora-se a situação dia a dia. Hoje, greve dos empregados de cafés e restaurantes. Ontem, desacatos no Liceu Pedro Nunes com a tropa que o fora meter na ordem. Os preços de tudo subindo a pique. Boato de que tinham assassinado o Mário Soares. Boato falso, é claro; mas já grave como boato.

11 DE JULHO (SEXTA)

Um dito: somos um país com o Governo em Lisboa, a capital em Moscovo e a população no Brasil. Condenado a não fazer parte dessa população, o meu destino terá de cumprir-se aqui. Angústia generalizada.

19 DE AGOSTO (TERÇA)

Ontem o Vasco Gonçalves largou discurso. Espectáculo extraordinário de desespero, de paranóia. Que se segue? Até quando vai isto durar? Que nos espera? A guerra civil é hoje visível no horizonte. Onde acolher os meus sessenta anos? Uma bala que passasse extraviada e decidisse a questão. Faz agora imensa falta um pouco de saúde a mais e de anos a menos.

17 DE OUTUBRO (SEXTA)

Ontem o livreiro Barata deu-me notícias alarmantes (ou alarmistas?). A revolução está por um fio. Toda a gente o admite, mesmo no estrangeiro. Mas tudo se resolverá em quarenta e oito horas. Simplesmente nesses dois dias haverá tempo para liquidar fisicamente cem mil pessoas. E ser despachado. Pus-me a fazer cálculos sobre as minhas possibilidades de ser um dos eleitos. Há hipóteses piores: morrer de cancro ou ficar paráltico. Ou simplesmente taralhoco.

28 DE OUTUBRO (TERÇA)

[...] O Franco continua agonizante. Nós à espera do que dele nos cabe em herança. Dele e do que vai lá por Angola. O dia 11 é uma data decisiva para ele e para nós. Mas a sucessão ininterrupta de datas «decisivas» desde há ano e meio vai-as tomando cada vez mais provisórias.

27 DE NOVEMBRO (QUINTA)

Ontem foi declarado o estado de sítio em Lisboa. Houve mortos num confronto de militares. Hoje, aviões em esquadilha sobre a cidade.

1976

13 DE FEVEREIRO (SEXTA)

A guerra de Angola no fim. Os comunistas infiltrados em todos os centros de decisão em Portugal. Itália comunizada em breve. França e Espanha também. Nada a fazer. A ideologia comunista é tremendamente eficaz, porque encandeia pela evidência o cérebro mais obtuso.

20 DE FEVEREIRO (SEXTA)

Angola está ocupada por russos e cubanos. Não apenas para efeitos militares mas precisamente para ocupação. Ter uma ideia clara para o sentimento que me inunda. Indignação, vergonha, simples patrioteirismo? Tudo o que de feio vem no nosso rasto de colonizadores queda-se indeciso diante de outra fealdade. O nosso tempo, que é tempo de muita coisa, é-o sobretudo do silêncio. Não podemos erguer em nós uma palavra definida que se não erga logo outra para se lhe opor. Clamo desde os renascentistas contra as nossas vergonhas. E que significa isso diante da entrega aos novos «colonizadores»? Nós ao menos ainda suámos para nos instalarmos. Os outros instalam-se para gozar do que suámos nós.



Copyright © Maria de Lourdes Pereira, 2024. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.